

AS METÁFORAS CONSTRUÍDAS SOBRE A SÍFILIS NAS PÁGINAS DA NA *REVISTA ERA NOVA* - PARAÍBA (1921-1924)

Rafael Nóbrega de Araújo (1); Azemar dos Santos Soares Júnior (2)

(1) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: rafael.nobrega.araujo@gmail.com

(2) Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: azemarsoares@hotmail.com

Resumo: As doenças acompanharam o desenvolvimento da humanidade. Porém, nunca antes, as doenças, a saúde e os cuidados médicos com o corpo foram alvos de um poder tão imperioso como na modernidade. A *disciplina* colocou o corpo dentro de uma maquinaria que o esquadrinhou, desarticulou e o recompôs, visando através de uma articulação poder-saber organizar a vida e a sociedade. Algumas epidemias parecem acompanhar a história e o desenvolvimento da população paraibana desde o oitocentos. Dentre essas, a sífilis provocou grande preocupação por parte do governo estadual paraibano sendo divulgado pela imprensa da época. Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo analisar as metáforas construídas sobre a sífilis na imprensa paraibana, a saber, nas páginas da revista *Era Nova* no intervalo entre 1921 e 1924, bem como problematizar os discursos e as políticas de profilaxia e “guerra” contra das doenças venéreas no Estado da Paraíba presentes nos *relatórios* contendo as falas do presidente do Estado a época, Solon de Lucena. Partiremos das contribuições de Susan Sontag (2007) para compreender a doença como metáfora, os conceitos de disciplina e docilização desenvolvidos por Michel Foucault (2008), dentre outros.

Palavras-chave: Sífilis. Doença. Metáfora. Era Nova. Paraíba.

Introdução

[...] espalhados por ali, algumas de suas máquinas de guerra, viradas, outras nas manipuladoras agora rígidas, e uma dúzia deles enfileirados, rígidos e silenciosos, estavam os marcianos – mortos! – aniquilados pela bactéria da doença e da putrefação contra a qual seus organismos não estavam preparados; aniquilados como tinham sido as plantas vermelhas, depois de todos os engenhos humanos terem falhado, pelas coisas mais humildes que Deus, na sua sabedoria, colocou na Terra. Porque fora isto que certamente acontecera, como, certamente, eu e muitos homens teríamos previsto, se os nossos olhos não estivessem cegos pelo terror e pela desgraça. Estes germens de doenças tinham cobrado direitos a humanidade desde o começo das coisas - tinham cobrado direitos aos nossos antepassados pré-humanos mal a vida brotou na terra. Mas, graças a esta selecção natural da nossa espécie, desenvolveu-se em nos o poder de resistência; não sucumbimos a nenhum germens sem uma luta, e a muitos deles – os que causam a putrefacção da matéria morta, por exemplo – os nossos corpos são completamente imunes. Mas não existem bactérias em Marte e, mal estes invasores chegaram, mal comeram e beberam, os nossos aliados microscópicos começaram a trabalhar a sua destruição. Quando eu os observava já estavam irremediavelmente condenados, embora andassem de um lado para o outro, estavam a morrer e a apodrecer. Isto era inevitável. Pelo preço de um milhão de mortos, o homem comprou o seu direito de viver na Terra, e este pertence-lhe contra todos os forasteiros; continuaria a pertencer-lhe ainda que os marcianos fossem dez vezes maiores. Pois os homens não vivem e nem morrem em vão.

(H. G. Wells, *Guerra dos Mundos*, 1898).

Com estas palavras, o narrador e personagem principal do romance de ficção científica do escritor britânico Herbert George Wells (1898),

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

contava a causa da derrota dos marcianos que haviam invadido a Terra. Na Londres do início do século XX, o que se pensava de início que seria a queda de um meteoro próximo a casa do narrador, acaba por se a queda de um cilindro metálico, de dentro desta estrutura saem os marcianos que destruíam todos os seres humanos que se aproximavam como seu “raio da morte”. O narrador fugiu com sua esposa, mas precisa voltar para devolver uma carruagem que havia pedido emprestado. Nessa altura do romance, o personagem já havia percebido que os marcianos se locomoviam com tripés metálicos – os *tripods* – e passavam facilmente pela resistência militar que era oferecida pelos seres humanos. Ao tentar voltar para onde sua esposa estava, o narrador foi informado por um artilheiro que no caminho de regresso a ela havia caído outro cilindro.

Londres tomada pelos marcianos em seus *tripods* é devastada e a população evacuada. O narrador em fuga fica preso numa casa em ruínas destruída pelos marcianos, e observa que estes usam os seres humanos como alimento, absorvendo seu sangue diretamente. Depois de se desvencilhar dos marcianos, consegue deixar a casa em ruínas e finalmente chega a Londres deserta, e percebe que as plantas marcianas (vermelhas como o sangue dos humanos), bem como os próprios marcianos, começam a morrer em decorrência a ação de bactérias contra as quais não possuíam imunidade.

Diante destas palavras iniciais, gostaríamos de destacar que o romance de H.G. Wells chama atenção por alguns aspectos. Em primeiro lugar, sua ficção científica além de revelar o olhar que a humanidade passa a ter sobre o espaço durante a virada do século, levando-nos a imaginar formas de vida inteligente fora da Terra, todavia, permite não apenas encarar o céu noturno e conjecturar outros mundos possíveis, como também permite vislumbrar os microcosmos que existem no nosso mundo, conforme pode-se verificar com as novas descobertas científicas no século XIX a exemplo da patologia celular de *Virchow*.

O desfecho do romance pode parecer confuso para um leitor desatento, o mesmo vale para o espectador que assistiu a adaptação para o cinema feita por Steven Spielberg em 2005. O narrador explicou que os invasores marcianos foram derrotados pelos organismos vivos menores do planeta, referindo-se as bactérias. Quando os *tripods* sugavam o sangue das pessoas, as bactérias que viviam nos seres humanos começaram pouco a pouco a destruir os alienígenas. Os marcianos não tinham imunidade como os humanos. Há milhares de anos a humanidade conviveu com estes microrganismos. A história da vida humana na terra foi acompanhada por epidemias, doenças, moléstias que ceifaram inúmeras vidas, mas como evidenciado no romance, este fato nos permitiu

adquirir alguma resistência às bactérias. Nenhuma morte é em vão. Ao custo de milhões de mortes o ser humano adquiriu o direito de viver na Terra, visto que por seleção natural, as epidemias permitiram que o ser humano conseguisse imunidade. Em suma, H. G. Wells coloca em evidência que cada organismo vivo neste mundo tem a sua importância.

Se, uma forma de vida inteligente observasse a Terra do espaço, ela certamente diria que não somos nós, seres humanos, os seus principais habitantes, mas as bactérias. Uma notícia no *The New York Times* apresentou os estudos de cientistas do *Instituto Weizmann de Ciências* em Israel, que concluíram que apenas no corpo humano existem cerca de quarenta trilhões de bactérias. E porque isto é relevante? Ora, como destaca Diane Maul de Carvalho (2016, p. 23) “[...] muitos trabalhos apontam para o papel relevante desempenhado pelas doenças na história dos homens e se referem a esforços direcionados ao seu controle”.

O trabalho de Stefan Cunha Ujivari (2008) abordou os avanços no entendimento do DNA dos microrganismos causadores de doenças no homem, aliando a genética à arqueologia. Ujivari esclareceu parte da história da humanidade, e mais, revelou como vírus e bactérias tem sido protagonista no processo histórico, sendo capazes mesmos de narrar a história. Uma história das doenças tem muito a dizer sobre nós mesmos, por tanto, tem sua importância para uma operação historiográfica.

Alguns anos depois da invasão fictícia de Londres pelos marcianos e a guerra dos mundos travada pela humanidade narrada nas páginas de um romance por H.G. Wells, as páginas da revista *Era Nova*¹ registraram uma guerra dos mundos na Paraíba, uma guerra contra o mundo microbiano e pela vida. É sobre essa guerra dos mundos que procurarei narrar nas páginas deste artigo. Tomo como fonte as publicações da revista *Era Nova* que refletiam a preocupação higiênica de sanear as ruas e praças, mas também extirpar dos corpos de homens e mulheres as doenças, em especial aquelas consideradas venéreas, em especial a sífilis, que estava na ordem do dia. Tendo em vista que os sífilíticos recebiam uma conotação negativa, pois a doença estava ligada as relações sexuais, aos prostíbulos, considerados fontes potenciais da doença. Os documentos revelam a preocupação não somente de limpeza no sentido médico-sanitário, como moral da sociedade paraibana.

Essa guerra dos mundos, entre humanos e os microrganismos – as bactérias, neste caso uma em específico: a *treponema pallidum* – na Paraíba, era preocupação recorrente nas

¹ A *Era Nova* foi uma revista de caráter literário e noticioso, originalmente lançada na cidade de Bananeiras – PB, fundada por Severino Lucena, passando, em 1921, a ser editada na Capital, até 1926. Ditou sobre esse período normas de conduta, de higiene, moda, beleza, etc. Trazia nas suas capas a imagens de mulheres que chamavam a atenção por sua beleza. Para outros esclarecimentos, ver: *Paraíba, imprensa e vida* (ARAÚJO, 1983).

mensagens de governo do então presidente de Estado Solón de Lucena. Portanto, pouco a pouco, pode-se observar diante da endemia da sífilis uma desorganização e reorganização da sociedade, por um poder que gera um saber e que se pretende fazer ordenar a vida, como colocou Foucault (2009).

As metáforas da sífilis nas páginas da revista *Era Nova*

Muitas deformidades físicas, notadamente, da parte superior do corpo e merecido especial atenção aos estigmas faciais, destacando-se dentre elles, em primeira linha, os maxilares e arcadas dentarias, são flagrantes indícios de syphilis hereditária (*Era Nova*, 06 de jul. de 1922).

Segundo Carrara (1996) a reflexão médica sobre a sífilis passava por uma verdadeira “revolução científica” que se iniciou na primeira metade do século XIX e se consolidou no começo do século XX, que foi quando se estabilizaram as linhas gerais de um modelo de compreensão da doença. É neste âmbito, que a sífilis se transformou em um problema venéreo, isto é, em uma das mais graves doenças humanas e em uma das mais sérias ameaças à saúde pública (CARRARA, 1996).

A etiologia da doença estivera envolta em preconceitos e superstições. Logo o seu caráter de castigo foi associado aos pecados da carne e foi mantido durante séculos a meio caminho entre a fatalidade natural e o erro moral. Era comum negar-se aos doentes, culpados por seu mal, qualquer tipo de auxílio médico ou cuidado. Aproprio-me aqui do sentido de metáfora oferecido por Susan Sontag (2007, p. 81) que vem de Aristóteles em sua Poética (1456b), onde escreveu que a metáfora “consiste em dar a uma coisa o nome de outra”, uma operação mental tão antiga quanto a filosofia ou a poesia e que precede a maioria dos tipos de saber – inclusive o científico – e de expressividade.

No livro *Doença como metáfora* (2007), a autora Susan Sontag afirma que é impossível pensar sem metáforas, onde ela apresenta a relação existente entre o nome da doença e o seu portador:

Não é, em si, o ato de nomear que é pejorativo ou condenatório, mas sim o nome “câncer”. Enquanto essa enfermidade em particular for tratada como um predador invencível e maligno, e não só como uma doença, a maioria das pessoas com câncer se sentira desmoralizada ao saber que doença tem (SONTAG, 2007, p. 16).

Não era diferente em 1921. Os pacientes eram informados de suas doenças, sendo-lhes contada a verdade, para reiterar o conceito da mesma e desmistificá-la. Algumas doenças, como no caso a tuberculose, ou câncer, poderia se esconder a identidade. O mesmo não parecia ser possível em relação a sífilis, algo que

ocorria também com a peste bubônica (Cf. SOARES JR., 2015). Como revela a publicação da edição da *Era Nova* de 15 de junho de 1922, a *treponema pallidum*, bactéria causadora da sífilis, deixava muitas “deformidades físicas”.

“A doença em si torna-se uma metáfora. O nome da doença torna-se adjetivo por meio de metáforas como decomposição, decadência, contaminação, fraqueza, anomalia, pavor, medo” (SOARES JR., 2015, p. 82). Doença essa que causava repúdio as pessoas devido a associação com a libertinagem, devassidão, visitas aos lugares considerados de prostituição. Uma doença, portanto, da perversão. Os contaminados eram vistos até o início do século XX como culpados do mal, e a eles se negavam qualquer tipo de auxílio ou cuidado (CARRARA, 1996).

A principal forma de contaminação da bactéria que causa a sífilis é através da relação sexual. A *treponema pallidum* adere-se à mucosa genital e se multiplica. A região úmida e quente do pênis ou da vagina propicia seu desenvolvimento. Surge uma ferida aberta característica da doença. A gravidade da doença está no fato de a bactéria atingir o sangue e ser transportada para órgãos como o cérebro e o coração. Atinge ossos, e após a morte, deixa registros que auxiliam a reconstrução de sua história. O sifilítico é associado imediatamente a feiura, a lesões, a falta de higiene, a repugnância.

A sífilis é uma doença de progresso lento, que se caracteriza em termos de “fases”, podendo ter longos períodos de latência, entre a fase secundária² e terciária³, que pode durar décadas. Vale lembrar, como destaca Sontag (2007), que “a sífilis, quando surgiu pela primeira vez sob forma epidêmica na Europa, no final do século XV, era uma doença rápida, com uma virulência inexplicável, hoje desconhecida, e que muitas vezes causava a morte já na segunda fase, às vezes em alguns meses ou em poucos anos” (p. 94). A doença é chamada pelos médicos de “a grande dissimulada”, pois sua identidade decorre da inferência de alguns sintomas. Mesmo se uma pessoa infectada jamais manifeste qualquer sintoma, a bactéria da sífilis, como o vírus da AIDS, permanecerá sempre instalado no organismo.

A doença tornou-se uma preocupação do governo estadual a partir de 1921, quando o então presidente da Paraíba, Solon de Lucena, 13º governador do Estado da Paraíba do período de 1920 à 1924, retratou a sífilis nas mensagens de governo como sendo “a mais funesta das entidades mesológicas, assinalada entre as causas de grande número de males que

² Após a infecção inicial, a bactéria pode permanecer no corpo da pessoa por décadas para só depois manifestar-se novamente. A sífilis secundária pode se manifestar por uma vermelhidão na pele (exantema), pela presença de íngua (gânglios) nas axilas. Disponível em: <http://www.minhavidade.com.br/saude/temas/sifilis> acesso em 09 de dez de 2017 às 22:39.

³ Na sífilis terciária a doença pode danificar os órgãos do organismo, incluindo o cérebro, nervos, olhos, coração, vasos sanguíneos, fígado, ossos e articulações.

os atormentavam” (*Mensagem de Governo*, 1921, p. 28). Em que associava a doença a práticas pecaminosas, tendo como antro de proliferação, os prostíbulos, “mal combatido entre os povos mais adiantados” e tida como a “desgraça inevitável da prostituição” (*Mensagem do Governo*, 1921, p. 28). O governante atribuiu aos médicos e pais, o combate desta terrível doença e de sua disseminação defendendo a moralização dos costumes e as práticas de higiene, responsáveis por precaver a juventude desta mazela.

Fica evidente que a sífilis estava relacionada ao comportamento, as práticas e os ambientes frequentados pelas pessoas. O recorte temporal estabelecido para este artigo, coincide além do primeiro ano de circulação da revista *Era Nova*, a publicação do primeiro discurso publicado contendo orientações sobre a sífilis, e com a política implementada pela Comissão de Profilaxia Rural, que discutirei no segundo ponto deste artigo intitulado *A “guerra contra os propagadores das endemias”*.

A revolução científica da sífilis colocada por Carrara (1996), a estruturação do conceito de sífilis que perpassava por um princípio empírico-terapêutico, experimental-patológico e um princípio patogênico tornou possível a compreensão científica da doença. Conforme podemos verificar nas páginas da revista *Era Nova*:

As descobertas nos domínios da biologia de importantes reações, cujo fim principal era o reconhecimento das manifestações luéticas, já, de certo modo, verificadas na clínica e dependendo, apenas, da confirmação do laboratório, vieram prestar aos clínicos relevantes serviços (*Era Nova*, 15 de jun. de 1922).

Diante disto, o clínico, certo de suas responsabilidades e conciso de suas obrigações, deveria então destinar de antemão a sua “therapeutica no sentido do diagnostico” (*idem*). As páginas da revista também evidenciam a relativa eficiência de muitos meios “therapeuticos” para o combate as manifestações luéticas, destaca desde o exemplo do antiquíssimo tratamento com mercúrio, passando pelo arsênico, o novo arseno-benzól-914 (ou neo-salvarsan) “até a recente medicação de Sazerac e Levaditi, sob a denominação de trepól, resultante de combinações químicas entre certos e determinados corpos: tártaro bysmuthato de potassio e sodio” (*ibdem*).

É possível perceber também que tais contribuições clínicas fornecidas pelos cientistas, “se vae pouco a pouco offerecendo lucha intensa ao terrível flagello da humanidade”. Se os “poluídos” adultos contaminados com a sífilis são dignos de consideração, de esforço e tratamento por parte dos órgãos encarregados, como veremos mais adiante, eram ainda mais dignos de consideração e compaixão os infelizes “heredo-syphilis”, os inocentes infeccionados, vítimas dos seus não menos

inconscientes progenitores. Como dá a ver este relato descrito na revista *Era Nova*

Uma senhora amamentava seu filhinho, uma creança robusta de organização forte, admirável, e, certa vez, compadecida pelo estado de miséria physiologica de um infeliz rebento, immagrecido, esquelético mesmo, de uma sua vizinha, ofereceu-se espontaneamente, para amamentar-o também: e assim o fez. Qual não foi o seu espanto, dias depois, vendo que seu filhinho se ia definhando rapidamente? Pois bem; procurando, sem demora, na polyclinica mais próxima, a explicação provevel de facto tão contristador para sua alma de mãe carinhosa teve a desoladora informação medica de que seu estava contaminado de syphilis! Afflicta, com tão grave estado do filho, procurando descobrir o meio de como se havia contaminado o pequeno, chegou, então, á certeza de que ella própria tinha sido a causadora de tamanha infelicidade! E' que, amamentando o filho da vizinha, que era uma syphilitica completa e de cujas mazelas já participava a creança, se havia infeccionada na mama e pela mesma as transmitido ao seu inocente filhinho que nascêra absolutamente sadio (*Era Nova*, 15 de jun de 1922).

Diante de situações como a descrita acima, urge a necessidade do governo de defender o combate à doença alegando ser a de maior incidência na Paraíba. O então governador Solon de Lucena seguia “combatendo o impaludismo e outras endemias que assolam, de modo calamitoso, as nossas populações urbanas e rurais [...] guerra contra os propagadores das endemias” (*Mensagem de Governo*, 1921, p. 27-28).

A Diretoria Geral de Higiene do Estado em relatório apresentado ao “Il.mo. Ex.mo. Sr. Dr. Solon Barbosa de Lucena”, Presidente do Estado, revela que “Molestias epidêmicas de natureza diversas, têm irrompido nos centros adiantados para dali caminharem para os lugares menos populosos, onde também fazer suas victimas” (*Relatório da Diretoria Geral de Higiene do Estado*, 1921, p. 2). O mesmo relatório destaca os elevados coeficientes de mortalidade na “primeira idade” com 271 óbitos, tendo como causa, provavelmente a alimentação de má qualidade, a “syphiles” e outras moléstias hereditárias. Enquanto, verminoses mataram 95, o impaludismo 128 e a tuberculose 130. Portanto, dados muito elevados com relação as crianças mortas em provável decorrência da sífilis, o que demonstra a compaixão dedicadas as “innocentes creanças syphiliticas”.

Na seção de “Demograppia Sanitária” do presente relatório da Diretoria Geral de Higiene do Estado, estão contidos os dados colhidos na Capital e de alguns municípios do interior, atendendo aos constantes pedidos de higiene e revelam que de 1 de julho de 1920 à 30 de junho de 1921 faleceram na capital 1007 pessoas, sendo 510 homens e 497 mulheres, uma média diária de 2,75 mortes. 14 faleceram em decorrência da sífilis.

Conforme bem frisou Azemar dos Santos Soares Júnior (2015, p. 86) “[...] metaforicamente, travar uma guerra não tem o sentido de lutar pela vida, no caso do doente, mas combater o mal, evitando sua proliferação”. O

cuidado, primeiro e principal, deve incidir sobre o corpo, que deve ser hígido. Manter-se limpo não era apenas uma obrigação, mas uma forma de evitar o contágio da doença, o corpo deveria então ser protegido, resguardado de todo contato com lugares, sobretudo estes, para a sífilis, e objetos suspeitos de infecção.

Urgia, portanto, a necessidade de um corpo disciplinado. E um corpo disciplinado era a ausência nas cidades paraibanas (Cf. SOARES JÚNIOR, 2015). As técnicas de controle minucioso das operações do corpo, o espaço, o tempo, a economia dos gestos é o que Michel Foucault (2008) entende por disciplina. E as técnicas de disciplina impõe ao corpo uma relação de docilidade-utilidade. Por dócil, Michel Foucault (2008) entende o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Num esquema de docilidade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações, para trabalhá-lo detalhadamente de modo a exercer uma coerção sem folga.

Dentre as metáforas mais referentes ao corpo, encontra-se a divulgação do corpo enquanto uma fábrica, que representa a imagem do funcionamento do organismo sob o signo da saúde. Disciplinar o corpo não se limita a orientá-lo pela cabeça, mas sim para o bem-estar da saúde, levando-se em conta uma higiene corporal, o cuidado com os alimentos, bebidas, ares, exercícios (Cf. SOARES JÚNIOR, 2015).

A doença, foi vista, durante a maior parte da história da humanidade, metaforicamente, como uma bárbara invasora. Na guerra dos mundos contra as bactérias travadas pelo governo do Estado e nas páginas da revista *Era Nova*, o corpo deveria ser cuidado, e as fontes evidenciam que a grande preocupação não de entender a origem da doença, mas de discutir a cura e a educar os saudáveis. Tal situação, com o clima de guerra instaurado, possibilita um investimento do poder médico no estado de epidemia/endemia, no qual os governantes podem fazer funcionar as disciplinas perfeitas de controle e domínio dos corpos (FOUCAULT, 2008, p. 165).

A “guerra contra os propagadores das endemias”

A metáfora sobre a sífilis presente no discurso do Solón de Lucena evidencia as conotações que a doença começa a ganhar: a guerra. A esse respeito, as colocações de Susan Sontag (2007) são interessantes para perceber a metáfora militar sobre a doença, que denota um novo viés, uma medicina mais agressiva. Com os avanços científicos sabe-se agora que a doença é motivada por um agente infeccioso que vem de fora.

Foi somente quando se passou a ver como invasor não a doença, mas o microrganismo que a causa, que a medicina começou a ser realmente eficaz, e as metáforas militares ganharam nova credibilidade e nova precisão. A partir daí, as metáforas militares vêm cada vez mais se inserindo em todos os aspectos da descrição da situação médica. A doença é encarada como uma invasão de organismos alienígenas, aos quais o organismo reage com suas próprias operações militares, tais como a mobilização de “defesas” imunológicas, e a medicina passa a ser “agressiva” (SONTAG, 2007, p. 84).

Por isso a necessidade de Solon de Lucena iniciar uma guerra contra os propagadores das endemias. A atuação da Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural foi importante neste sentido. Na *Mensagem de Governo* de 1921, o presidente do Estado destaca que entrou “em acordo com seu chefe, medico notável com muitos títulos, para que elle installasse aqui o serviço de policia de fócios para combate aos collicidios”.

A cidade pestilenta passa então, a ser atravessada pela hierarquia, pela vigilância, pelo olhar, pela documentação, a cidade imobilizada no funcionamento de um poder extensivo que age de maneira diversa sobre todos os corpos individuais (FOUCAULT, 2008, p. 164). A disciplina passa a projetar recortes sobre o espaço confuso do internamento, individualizando o corpo doente. As doenças são especificadas, seus tratamentos também.

Segundo Michel Foucault um dos elementos constituintes das técnicas de disciplina consiste na regra das localizações funcionais. As instituições disciplinares, vão, pouco a pouco codificar o seu espaço arquitetural, tal processo, Foucault verifica que ocorrem exemplarmente nos hospitais, nas instituições médica. É o momento em que nasce da disciplina um espaço útil a partir do ponto de vista médico

As distribuições da vigilância fiscal e econômica precedem as técnicas de observação médica: localização dos medicamentos em caixas fechadas, registro da sua utilização; um pouco mais tarde, é estabelecido um sistema para verificar o número real de doentes, sua identidade, as unidades de onde procedem [...] mais tarde virão o isolamento dos contagiosos em leitos separados (FOUCAULT, 2008, p. 124).

Pode-se verificar nas páginas da *Era Nova*, a emergência desta nova disciplina que incide sobre a prática médica e irá nortear as ações de instituições como, por exemplo, da Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural. O investimento do poder médico-sanitário, em sua guerra dos mundos contra as bactérias, vai combater diretamente os propagadores de endemias. Pouco a pouco o espaço administrativo e político irão se atrelar em espaço terapêutico (FOUCAULT, 2008, p. 124).

Dedicando páginas inteiras a desvelar os feitos da Comissão de Saneamento e Profilaxia Rural para a população paraibana, a revista *Era Nova* destaca o combate do serviço de saneamento contra a lepra, a syphilis e doenças

venéreas, que era realizado pelos dispensários Eduardo Rabello e Ferreira do Amaral na cidade da Parahyba do Norte, enquanto outros dispensários cuidavam do interior. O dispensário Eduardo Rabello foi uma repartição de grande relevância para a Capital paraibana, visto que seus serviços atendiam homens e mulheres portadores de doenças sexualmente transmissíveis.

Nestes dispensários os indivíduos eram matriculados depois de um exame clínico e submetidos a um tratamento completo, obtendo-se “quasi sempre uma melhora sensível e a cura de lesões de várias naturezas” (*Era Nova*, 01 de jun de 1924). Todavia, o tratamento dos syphilicos no dispensário, não se resumia apenas a um ou outro emprego de preparados arsenicais, de bismutho ou mercúrio: “vae mais além até o restabelecimento do doente assegurado pelo medico” (*Idem*). Neste sentido, os dispensários atuaram no sentido de oferecer aos indivíduos métodos “therapeuticos” que prometiam trazer a cura para a sífilis naquele período, conforme pode-se observar no quadro abaixo.

Quadro 1:
Número de injeções, curativos e pequenas intervenções cirúrgicas no Serviço de Syphilis e Doenças Venéreas

Injeções de:	
Neosalvarsan	701
Mercurio	6.116
Iodeto de sódio	514
Diversos saés	650
Curativos	11.883
Pequenas Intervenções Cirurgicas	61

Fonte: *Revista Era Nova*, 01/06/1924

Aqui é possível perceber os procedimentos que correspondiam ao tratamento da sífilis adotado naquele momento. Através das informações timbradas nas páginas da revista *Era Nova* em 1924, foram matriculadas 1.019 pessoas nos dispensários, que receberam as medicações e métodos do quadro.

A sífilis era tida como sendo “por excellencia, um dos maiores flagellos, que tantos males têm causado á humanidade” (*Era Nova*, 01 jun. 1924). Essa doença preocupava o poder estadual não só pela grave ameaça à saúde pública, mas pela conotação moral que ela possuía. Por ser associada ao pecado carnal, estava intimamente ligada as práticas pecaminosas e a proliferação dos prostíbulos e era tida como a “desgraça inevitável da prostituição” (*Mensagem do Governo*, 1921, p. 28). Aos médicos e, sobretudo, aos pais era atribuído o papel de combater essa terrível doença e de sua disseminação, defendendo a moralização dos costumes e as práticas de higiene, responsáveis por

precar a juventude desta mazela. A partir destas informações torna-se evidente que a sífilis estava relacionada ao comportamento, as práticas e os ambientes frequentados pelas pessoas.

Conforme nos esclarece Soares Júnior (2015, p. 87) “As doenças foram historicamente utilizadas como metáforas para reforçar acusações sobre como uma determinada sociedade era corrupta ou injusta”. Isso evidencia que uma doença como a sífilis, metaforicamente uma doença pecaminosa, reflete uma sociedade corrupta. Cabe então ao Estado, o papel de moralizar os corpos, e os costumes, através de práticas disciplinares de higienização e tornar a cidade habitável, controlável e é onde podemos estabelecer um ponto de ligação e diálogo com as meticulosidades da educação cristã que Foucault (2008) coloca, que gestava uma disciplina que se preocupava com o detalhe e o controle de vontades singulares (FOUCAULT, 2008, p. 120). Portanto, controlar os corpos para evitar doenças, era controlar os desejos, acabar com o pecado da carne, para tal, seria necessária uma educação higiênica nas escolas, nos manuais escolares, orientações pedagógicas sobre o comportamento sexual... Mas, essas são páginas de uma outra história a ser escrita.

Para finalizar este texto, gostaria de recordar Susan Sontag, com a ideia de que a metáfora dá forma uma visão de uma doença particularmente temida como um “outro” alienígena. Como destacou Sontag (2007) a transformação da doença em inimigo, invasor, leva à atribuição da culpa ao paciente, sobretudo, em se tratando de sífilis, devido a associação a práticas pecaminosas, muito embora ele continue sendo encarado como vítima. O “outro” alienígena, no caso da Paraíba da década de 1920, não eram os marcianos das páginas do romance de H. G. Wells, mas as bactérias como a *treponema pallidum*. Uma espécie de invasores alienígenas, que vem para destruir, e que tanto nas páginas da imprensa paraibana como no discurso político-administrativo deveriam ser encarados por meio de uma guerra, uma guerra dos mundos.

Considerações finais

A disciplina (re) modelou corpos e se tornou elemento fundamental na guerra travada contra as bactérias na Paraíba entre 1921 e 1924, uma vez que as fontes nos relevam o discurso médico de combate aos agentes causadores das endemias. Além disso, a imprensa paraibana, no exemplo da revista *Era Nova*, veiculou metáforas sobre a sífilis que representam algo que é fundamental: o sentimento de simultaneidade com grande número de pessoas, de quem você sabe da existência, mas não conhece. As notícias veiculadas por estes periódicos eram lidas, ouvidas e debatidas pelos mais diferentes sujeitos sociais, garantindo contínua e

silenciosamente na realidade uma admirável confiança da comunidade.

Em meio aos discursos e metáforas referentes a doença, uma em especial ganha destaque: a questão militar que envolve a guerra contra os agentes causadores das doenças. Compreendo dessa forma, o quão significativo e extraordinário são os discursos e as metáforas munidas de poder, produzidas e veiculadas nas páginas da imprensa paraibana no período destacado, uma vez que dissemina ideias e interfere no imaginário social, procurando remodelar e higienizar as formas corporais da população paraibana.

Referências

Fontes:

a) Periódicos:

Revista Era Nova, João Pessoa – PB. Edições de 1921 a 1924.

b) Relatórios da Diretoria Geral de Higiene do Estado:

Relatório apresentado ao excellenticimo Sr. Dr. Solón de Lucena, então Presidente do Estado da Parahyba, 18 de julho de 1921.

c) Relatórios de Presidente de Estado:

Relatório do Presidente de Estado apresentado pelo Dr. Solón Barbosa de Lucena. 1 de setembro de 1921.

Bibliografia

CARRARA, Sérgio. **Tributo a Vênus**: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CARVALHO, Diana Maul. “História das doenças e epidemiologia: encontros e desencontros”. In: Franco, S. P.; NASCIMENTO, D. R.; SILVEIRA; A.J.T.. **Uma história brasileira das doenças**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, p. 23-52.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WELLS, Herbert George. **Guerra dos Mundos**. Londres: 1898. Disponível em https://issuu.com/lincolnline/docs/a-guerra-dos-mundos-h-g-wells?embed_cta=read_more&embed_context=embed&embed_domain=livrosonlinegratis.net&embed_id=8726925%252F5385122 acesso em 09 de dez de 2017 às 14:12.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora**. Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 11-23; 81-106.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos**: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924). Rio de Janeiro: AMC Guedes, 2015.

UJIVARI, Stepan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus**. Contexto: São Paulo, 2008.